

## Apresentação

Ana Luísa Amaral

Fernanda Henriques

Marinela Freitas

O presente volume dos *Cadernos de Literatura Comparada*, ecoa e, de alguma forma, expande algumas das temáticas presentes já no nº. 26/27 desta mesma publicação, na medida em que tem também, como inspiração direta ou indireta, *Novas Cartas Portuguesas*, uma obra que a década de 1970 deu a lume e que projectou Portugal e a literatura portuguesa no mundo.

Visto à distância dos mais de 40 anos, parece-nos hoje inacreditável a dimensão do alvoroço que o livro suscitou. E todavia, continua a impressionar-nos como ele pode, ainda hoje, ser tão certo nas críticas e nas denúncias. “Se a mulher se revolta contra o homem nada fica intacto”, afirmava-se em *Novas Cartas* – e bastantes textos integrados neste volume repetem e glosam essa afirmação. Certamente. A nossa história recente assim o demonstra. Mas o que essa recente história também põe de manifesto é que essa revolta está longe de ter feito todo o seu percurso, porque muitas coisas continuam intactas na mundividência colectiva sobre a conceptualização das mulheres e do feminino, apesar das transformações já havidas. No fundo, ao nível simbólico – lugar onde se enraízam as dinâmicas colectivas e pessoais – ainda perduram esquemas de significação trans-

subjectivos que nos trabalham num quadro de desigualdade e assimetria antropológica. É, pois, desse substrato que o actual volume dá conta e, simultaneamente, tematiza, alargando.

Com o título *Novas Cartografias: Reconfigurando Diferenças num Mundo Globalizado*, este número apresenta, assim, um conjunto de textos que, tendo sempre a literatura como foco principal, são de natureza interdisciplinar. Do seu balanço podemos concluir quer o longo caminho percorrido pelas mulheres na conquista de uma representação de si que as coloque no seu legítimo lugar humano, quer ainda os imensos obstáculos encontrados nesse caminho e a enorme distância que as separa de uma clareira final de descanso.

Os textos apresentados estão organizados em três secções. A primeira, designada “Mulheres, Escritas, Mundo: Constelações”, integra 8 textos; a segunda, com o título “*Novas Cartas Portuguesas: Constelações A Várias Vozes*”, é composta por 7 textos; a terceira, um *dossier* – “Todas as mãos sobre o corpo: Em torno de *Novas Cartas Portuguesas*”, contém 9 textos que se agrupam em torno de 4 motes de referência. O número integra, ainda, recensões de duas publicações: *Outonais*, de Yvette K. Centeno e *E Todavia*, de Ana Luísa Amaral.

De um certo ponto de vista, o número está organizado do mais geral para o mais específico. Nessa medida, a primeira secção, ainda que fazendo referências a *Novas Cartas Portuguesas* ou às suas autoras, busca raízes literárias mais gerais. É interessante notar que 3 dos textos que integram esta secção – “Da dura tarefa de tornar-se mulher”, de Simone Pereira Schmidt, “De olhos bem abertos: uma leitura do livro e do filme *A Costa dos Murmúrios* em diálogo com os Estudos Feministas”, de Mariana Cepeda, e “Mutualidades do desejo: Sexo, Religião e Intermedialidade em *Corpo Verde*, de Maria Velho da Costa e Júlio Pomar”, de Daniel Floquet – centram-se na exploração conjunta de duas linguagens de natureza diferente: a literária textual e a fílmica ou pictórica, mostrando como, através de aprofundamentos ou de atritos, essa exploração cruzada permite dar novos respaldos e novos argumentos para o tratamento de velhas questões, nomeadamente, a intersecção gênero/raça, a desconstrução dos discursos únicos sobre a realidade histórica e cultural ou o pensamento hierárquico-dicotómico. “Diferenças e vozes em Ana Hatherly e Salette Tavares: Para uma nova estética”, de Catherine Dumas, é ele também um cruzamento de

linguagens, cruzamento esse realizado por cada uma das autoras analisadas, no quadro do seu experimentalismo que, como se afirma no texto, importa “valorizar o facto de que tanto Ana Hatherly quanto Salette Tavares encontraram na aventura experimentalista um espaço de liberdade reivindicada, espaço próprio para a afirmação de uma voz feminina e a reinvenção do sujeito, cada uma à sua maneira” (p. 30). Dos restantes textos desta secção, Suzan Bozkurt, em “Closing the Gender Gap?: New Spaces of Cultural Memory Construction for Contemporary Female Authors in Portugal”, partindo de quatro escritoras portuguesas, Hélia Correia, Teolinda Gersão, Lúcia Jorge e Inês Pedrosa, mostra a diferença de abordagem e de valoração entre a crítica portuguesa, fundamentalmente elitista e tradicionalista, e outros espaços críticos mais amplos (globais) e com critérios de avaliação e interpretação mais diversificados e abertos. Essa diferença de valoração e de abertura é fundamental, na medida em que permite catapultar essas autoras para planos gerais, em lugar de as circunscrever à esfera, mais ou menos restrita, de escritoras com preocupações com a questão das mulheres, como muitas vezes acontece no âmbito da interpretação crítica nacional. Por sua vez, em “Mulheres e Literatura: Sob a perspectiva do sublime”, Rosana Cássia Kamita explora o tema kantiano do sublime na perspectiva do excesso, do informe, do paradoxal e da ausência de regras, para o articular com a “literatura de autoria feminina como espaço plural e transitório, de resistência a padrões instituídos” (p. 103). Ana Maria Domingues de Oliveira, em “Maria Teresa Horta: Primeiros escritos”, parte de *Novas Cartas Portuguesas* para procurar defender a relevância de Maria Teresa Horta na construção daquele texto colectivo. Vale a pena citá-la: “o atrevimento, que é uma de suas (de NCP) marcas mais evidentes, já estava presente nos poemas de Maria Teresa Horta desde a publicação de *Espelho inicial*, de 1960, até *Minha senhora de mim*, publicado em 1971, volume que antecede – e a meu ver desencadeia – a criação das *Novas cartas portuguesas*” (p. 49). Finalmente, em “E agora, Gisberta? E agora, você? A resposta a partir de *Indulgência Plenária*, de Alberto Pimenta”, Daniel Ferreira cruza a realidade empírica e o facto histórico com a sua transfiguração pela literatura, dando ao crime que vitimou Gisberta Salce Júnior, em 2006, a dimensão universal das lutas pela igualdade, em todas as latitudes, e pelos Direitos Humanos.

No percurso do mais geral para o menos geral, a segunda secção do presente caderno parte mais directamente de *Novas Cartas Portuguesas*, como o seu título indica, iniciando-se com uma originalíssima reflexão de Maria Irene Ramalho em torno da temática da diferença (também sexual), e que, numa intertextualidade onde se cruzam os campos do filosófico e do literário, do contemporâneo e do clássico, é desconstruída e subsumida pela ideia de *variedade infinita*. Segundo a autora, “o ensaio analisa a dificuldade de falar de diferença sem o sentido pejorativo que o termo sempre implica e propõe, a partir da noção de “diferença positiva”, de Rosi Braidotti, o conceito de variedade infinita, pedido emprestado a Shakespeare” (p. 161). Para cumprir a sua finalidade, Maria Irene Ramalho adentra-se na velha querela feminista da igualdade e da diferença para a deslocar para o patamar da diferenciação e da variabilidade. Assumindo como facto que “na cultura ocidental, o conceito de diferença [...] anda em regra associado ao conceito de hierarquia”, a autora procura levar a sério, o sentido pleno da noção de *devir*, para compor a sua proposta de *variedade infinita* como alfobre de todas as possíveis variações e diferenciações, de modo a incluir também “o que não existe – o que *ainda* não existe” (p. 164).

O segundo texto desta secção é de Maria do Céu da Cunha Rêgo e explora os temas do sexo, da justiça e do direito, a propósito de *Novas Cartas Portuguesas*. Assumindo-se como um tributo e uma homenagem às “Três Marias”, a autora institui um diálogo vivo e original com o conteúdo da obra que trabalha através das suas posições pessoais e dos adquiridos internacionais sobre os direitos das mulheres que os quarenta anos volvidos desde a sua publicação permitiram recolher. Esse diálogo põe de manifesto, de uma forma extremamente viva, a acutilância e o acerto das posições defendidas em *Novas Cartas Portuguesas* e que os referidos documentos internacionais plasmam.

Na década de 1950, John Austin apresenta a sua obra *How to Do Things with Words*, para explicitar que a linguagem vale para além do seu valor de verdade, porque é também, de alguma maneira, uma acção; tal obra pode ser pensada como resposta às interrogações das “Três Marias” *But what can literature do? Or rather: what can words do?*, que se constituem como epígrafes do terceiro texto da segunda secção, “Thinking through our Sisters. Acting through their Words”, de Marta Correia, podendo servir como suporte à

intencionalidade do texto que assenta na capacidade das palavras em geral e da literatura em particular para influenciar e até dirigir a acção humana. A autora faz uma análise de *Três Guinéus* de Virginia Woolf e de *Novas Cartas*, para aferir pontos de semelhança e também para realçar a validade das obras no contexto do mundo contemporâneo, sobretudo, do ponto de vista das guerras e da sua acção devastadora. De que as palavras, nomeadamente as literárias, podem ajudar a pensar e a enquadrar as acções, dá conta o texto de Marta Correia ao indicar que “*Three Guineas* is included in Women in Black Belgrade’s list of publications, as it was translated by the activists to make its reading more easily accessible to local readers” (p. 208), fazendo amplamente justiça ao título do seu ensaio.

O texto seguinte, “Para uma genealogia da recepção de *Novas Cartas Portuguesas* em França”, de Adília Martins de Carvalho, procura estabelecer “a relação existente entre as manifestações públicas que permitem balizar a origem do MLF, em 1970 e as acções de apoio às “Três Marias” e divulgação das *Novas Cartas Portuguesas*, que tiveram lugar em Paris, entre Março de 1973 e Setembro de 1974” (p. 221), porque “algumas das protagonistas dos acontecimentos considerados como marcos do nascimento do movimento de libertação das mulheres, nesse país, estão intimamente ligadas às principais acções de apoio às três escritoras portuguesas, que aí ocorreram” (p. 221). O extenso levantamento desses marcos e dessas acções deixa claro, por um lado, a repercussão internacional de *Novas Cartas Portuguesas* e de todo o contexto nacional que as envolveu e, por outro, a imensa solidariedade feminista. O texto de Victor K. Mendes “Féminisme sauvage” selvagem: *Novas cartas portuguesas* (1972) e a conceptualização do ecofeminismo” (1974), parte da leitura detalhada de uma carta de *Novas Cartas Portuguesas* para propor um interessante cruzamento entre as questões fundamentais da segunda vaga do feminismo e um movimento que lhe é coevo: o ecológico, com as preocupações ambientais; demonstra, afinal, a pertinência de uma leitura ecofeminista para um mais profundo entendimento de *Novas Cartas*.

No penúltimo texto desta série, Alda Maria Lentina, em “As *Novas Cartas Portuguesas* ou uma nova cartografia do feminino”, centra-se na questão do corpo das mulheres, das representações e mitologias engendradas pelo imaginário masculino e da sua reapropriação

pelo discurso feminista, de que *Novas Cartas* são uma explicitação. Retomando Butler e a sua posição de que o corpo, de facto, algo *that matters*, a autora explicita a incomensurável distância e diferença entre o ‘ser dito’ sobre o corpo feminino e o dizer desse corpo pelas mulheres como protagonistas e sujeitos de um discurso de assunção da materialidade feminina.

O último texto é de Maria Lúcia Dal Farra que, partindo do horizonte aberto por *Novas Cartas*, propõe uma Leitura de *A Dama e o Unicórnio*, de Maria Teresa Horta e de *Vozes*, de Ana Luísa Amaral, assumindo que “a última obra poética, tanto de uma de suas autoras (Maria Teresa Horta, *A Dama e o Unicórnio*, 2013), quanto da sua mais insigne anotadora (Ana Luísa Amaral, *Vozes*, 2013) atualizam, cada uma à sua maneira, [o] traço substancial” de *Novas Cartas* Portuguesas: desenvolver “a escrita enquanto corpo feminino”.

Prosseguindo esta rota do geral para o específico, a terceira secção dos *Cadernos* é constituída por um *dossier* intitulado “Todas as mãos sobre o corpo: Em torno de *Novas Cartas Portuguesas*”, que corresponde às intervenções das mesas-redondas que integraram o Congresso *Novas Cartas, Novas Cartografias Re-configurando diferenças no mundo globalizado*, que teve lugar em Évora, em Março de 2014. As referidas mesas-redondas, bem como o seu registo textual, organizaram-se em torno de motes retirados de *Novas Cartas Portuguesas*. São quatro os motes de referência: Ao *mote 1*, «A liberdade hoje, manas, é a persistência do riso de quem aguentá-lo pode sem esgar», respondem os textos de Jorge Fernandes da Silveira, “O isento exercício pendular do riso”, e o de Catherine Dumas e Agnès Levécot, “A liberdade é a persistência do riso que é a persistência da liberdade”. O *mote 2*, «e nas nossas costas cairão nomes como pedras», é glosado por três textos: o de Anna M. Klobucka, *Trans-resistências: Entre Novas Cartas Portuguesas* (1972) e *Trans Iberic Love* (2013), o de Elena Losada Soler, “As “pedras” modernas. Voltou ‘feminista’ a ser um insulto?” e o de Chatarina Edfeldt, “De ‘mulheres masculinizadas e histéricas’ a ‘nazi-feministas’”: Reflexão sobre o discurso de ódio e de contrafeminismo na Internet”. Em torno do *mote 3*, «Se a mulher se revolta contra o homem, nada fica intacto», agrupam-se três comentários: o de Emerson Inácio, “Desmontar a ordem, abrir as parábolas: a lei do género e o género fora da lei”, o de Ana Margarida Dias Martins, “Pussy Riot, Femen e as Três

Marias: Feminismos zangados e o corpo das mulheres em luta” e o de Livia Apa, “Nós, ainda hoje e mesmo”. Finalmente, o *mote 4*, «Que estreita faixa nos separa da Mariana, irmãs...» é glosado pelo texto de Hilary Owen, *A vida na estreita faixa – passado e presente*. Todos estes textos, excelentes e muitos deles comoventes, são também o reflexo do longo caminho percorrido ao longo de mais de três anos pelos investigadores e investigadoras do projecto *Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois*.

Como ficou dito antes, o presente volume fecha com duas resenhas de autoria de José Eduardo Reis e de Marinela Freitas.

Esperamos que a diversidade das perspectivas que este volume integra contribua não só para continuar a dar vida a *Novas Cartas Portuguesas* e ao profundo gesto de ruptura que a sua publicação e recepção significaram, mas ainda para nos mostrar um pouco como resistir ao mundo globalizado em que vivemos, tão ferozmente atido a números, a gestos inconsequentes, à impunidade e crueldade sem limites – um mundo, apesar de tudo, e mesmo que os seus governantes assim o possam contrariar, feito de variedade infinita e em constante devir.